

Anno 16\$000
Semestre 9\$000
Trimestre 5\$000

Escriptorio: 70, Rua do Ouvidor 70.

Anno 20\$000
Semestre 11\$000
Trimestre 6\$000

ANNO VII

RIO DE JANEIRO, 23 DE OUTUBRO DE 1875

N. 319

EXPEDIENTE

Agradecemos a offerta de exemplares das seguintes obras, que bondosamente nos foram enviadas:

Ao Sr Joaquim Maria de Souza Macedo Chaves — as *Miniaturas* de Gouzelles, delicadissima edição feita em Paris. Sobre este mimoso livro damos já hoje uma ligeira apreciação.

Ao Sr Dr P. Franklin do Amaral — o *Estadista* da companhia de seguros *Garcasia Nacional*, criada para a liquidação do capital empregado no elemento servil, a qual merece todas as adhesões e sympathias.

Ao Sr J. J. do Monte — o *Diritto*, revista de Jurisprudencia, numero relativo ao mez de 15 de outubro corrente.

Sr Julio Nogueira — Cú apressados devidamente a sua *noiva* com o titulo *Minha esposa*. Ao que parece, a *noiva* é seria; semo eramos capazes de exclamar: *dizosa não!* que deixou tal troço ao mundo!

Sr Fidelis — Olhe que não se escrevem cartas em papel almaso, ou então mandam-se escrever pelo *caixeiro* da venda.

Sr S. — Já que o Sr é tão nosso amigo, faça um parecer sincero: não escreva mais versos.

Sr B. F. — Não podemos publicar o seu artigo porque talvez o Conservatorio não gostasse d'elle...

Salvo se...

O santo, o divino, o immortal *Apostolo* vai ser exposto ao publico como a maior das raridades jornalisticas que já tenham saído da fôrda das escripturas.

Quem o vai expor nem nós, não na exposição de Philadelphia, mas aqui n'estas columnas.

Das officinas jesuiticas nunca sahira obra mais bem acabada. E' um primor!

Todos os paizes tem alguma coisa de notavel, e que os distingue uns dos outros.

Nós temos para nos differencarmos dos outros o *Apostolo*, aquella sublime pregadora das idéas excholicas, que acha ainda pequena a terra que o povo levou por occasião dos conflictos politicos-lazaristas.

E mais do que isso declara o povo — imbecil por não ver que os *extrangeiros* é que estão aqui impunemente, no nosso paiz, combatendo as grandes, generosas e magnanimas idéas da liberdade de... do jesuitismo.

— Pois isto atura-se lá? Com que direito vem os *extrangeiros* gritar que a liberdade de pensamento é uma conquista do mundo, e que portanto lhes cabe o seu quinhão, quando ella aqui não existe, e ainda que existisse não era para os seus deuses?

Tem o *Apostolo* toda a razão. Em parte nenhuma do mundo se vê os *extrangeiros* escreverem forçosa que possam de qualquer modo ir ferir as susceptibilidades catholicas dos santos paizes e da santa lingua. O *extrangeiro*, por mais talento que tenha, não pôde em terra estranha abrir as suas das idéas que lhe ferrem o ornaço.

Salvo se...

O *Apostolo* não está só n'esta cruzada de intrigar o povo com os da estranha por causa dos lazaristas. Faz-lhe companhia a *Naplo*, uma folha que começa a consagrar-se a Deus e a retirar-se do mundo, como quem já está com os pés na sepultura e campo de viver.

Até já ouvi a sua missão, e confessa-se a miúdo. Dois padre-nossos rezados com bôa e santa intenção e entra com o pé direito na benevolencia.

Um pouco mais de dedicacão á causa de Deus e da policia, e chega a parecer-se com o *Dem Publico*, uma celebre folha de Lisboa, que o *Apostolo* cita a cada passo, e cuja edição já chega a 101 exemplares!

O que corresponde a 100 fanaticos, sem contar o *Apostolo*, que só elle capta a edição mandando vir o resto d'ella.

Ora como a *Naplo* pensa no mesmo sentido do *Apostolo* a respeito dos *extrangeiros* era preciso que aquelle já mencionado — salvo se... — fosse dito diante de ambos.

E' por isso que tornamos a repisar no assumpto, declarando que o *extrangeiro* não deve vir escrever para a nossa imprensa.

Salvo se...

Se fór o Sr. conselheiro Castello nas columnas editorias da *Naplo*, a proposito do elemento servil, e outras coisas mais.

Salvo se...

Se fór o Sr. Paulo de Faria nas columnas editorias da *Apostolo*.

Salvo se...

Se fór um Italiano, escrevendo os artigos politicos do *Times*.

Salvo se...

Se fór Du-Maurier, francez, desenhando o *Penck*.

Salvo se...

Se fór Wolff, allemão, mais que allemão, prunissimo — escrevendo no *Figuro*.

Salvo se...

Se fór o desenhista francez da *Illustration Francaise*, contratado para caricaturar em Londres no *Graphic*, e o desenhista d'esta folha, inglez, contratado para caricaturar em Paris, n'aquelle *Illustration*, os ridiculos dos paizes em que residem.

Salvo se...

Se fór Gouzelles Crespo, nosso patriota, de quem damos hoje uma pequena noticia, escrevendo em Coimbra artigos politicos em jornaes republicanos.

Salvo se...

Se fór Luiz de Andrade, brasileiro, natural de Pernambuco, proprietario e redactor principal da *Lanterna Magica*, de Lisboa, folha inteiramente politica, e que era desenhada por Bordaello Pinheiro, actual caricaturista do *Mosquito*.

Salvo se...

Basta: O *Apostolo* e a *Naplo* devem estar satisfeitos com as escripturas.

Tantos *extrangeiros* a escreverem fóra do seu paiz, a castigarem as vidas dos paizes, e a pôem o seu talento ao serviço da terra que os acolhe! E' horrivel isto... mas é que por lá, se existe o *Universo* e o *Dem Publico*, ainda assim não se saíam no lodacal em que o *Apostolo* desde ha muito anda metido.

Com a eloquencia d'estes factos é que se varre a teatada, e se arranca a mascara dos veidilhos do templo, que não tendo mais que vender, querem mercadejar no balleo de todas as villanias com o povo, acendendo-lhe as iras fôrças os *extrangeiros*, como se se tratasse de uma guerra santa contra os infidels.

E' preciso de uma vez seahar com estas pequenias intrigas de eschiristria e reberberos de braços abertos todos os obreiros, que possam trazer uma pedra para o edificio social.

Este conselho não o damos, sem que matem, ao *Apostolo*, nos tempos a sinceridade de offerecer á *Naplo*.

Se o não quiser tambem lhe asseguramos que não nos hade isto matar de paizão.

Conselho gratis não é qualquer que os dá.

Miniaturas

(POEMAS DE G. CREPO)

E' uma perfitissima *miniatura* a segunda edição d'esse mimoso livro feito em Paris na *Imprimerie Centrale des Chénies de fer* a expensas dos Sr's Eduardo Rubra e Viçente Pinella estudantes da Universidade da Coimbra e amigos do mauveamento poeta.

Ninguém ha hoje que desconheça as poesias de Gouzelles Crespo, esse mimso de galanteria e naturalidade onde o talento do poeta respalhece com toda a sua pujança geradora, esse conjunto de perlições que atraíam como um ramo de violetas; ninguém, decerto, e no entanto não camp, não admitta jinais fallar-se n'ellas, repeti-as, decoral-as e recital-as.

Todas as produções de G. Crespo, mesmo as que não estão incluzas nas *Miniaturas* e que já dariam para um novo volume, tem o secreto condão de infiltrar no espirito do leitor o desejo de as reír, de as decorar e do conhecer o auctor.

Mas deixem que lhes diga aqui muito á juridade, a proposito d'este ultimo desenho: seria uma decepção se tal realiasse, porque custa a acreditar que o produtor de coizas tão bellas seja o homem mais feio que é possível imaginar-se. Crespo não é feio, é simplesmente... horrendamente feio.

Elle mesmo o confessa n'estes sublimes versos dignificados com timidez e humildade á fada dos seus sonhos:

Não pôdo a bruma espessa
Casar-se á luz do dia:
Unir-se á til podia
A minha sorte avessa?

Ainda é tempo: esquita;
O meu suor esquita;
Vençote uma illusão...

Tu lem me réz ao padre...
A senhora do sul poeto...
Se eu fosse teu irmão!...

Mas este senão, de que elle não é o culpado, é perfeitamente absolvido pela graça comica e fino espirito que elle tão bem sabe derramar na sua conversação. Mesmo o epigramma e a satyra com a meitria boagiana, e o seu espirito é tão a molde tallado para a galanteria e o grocção que, após dez minutos de convivencia com esta satyra viva, esquece-se completamente que se tem em frente o mais feio dos homens, para só lembrar-se depois que elle é o mais esgracado dos deos.

Não deixa Crespo transparecer a sua voia comica nas *Miniaturas*, e quanto a nós é uma perla sensidissima para a litteratura, esta sua pertinencia não quer dar uma amostra do seu talento humoristico tão irraldo de Nicolau Tolstain, que elle reíta e imita como pouco.

Disputulo entusiasta de Th. Gautier, Heine, Baudelaire, Musset, Verlaine e Byron, tem a vez, sobre elle a vantagem de reunir em si um pouco da tendencía e do talento de todos.

Estylista como Gautier, doce e mào/oso como Heine, mordaz como Baudelaire, lyrico e humorista como Musset, verdade e Byron, tem além d'isto as mais e santas harmonias do auctor das *Confidências* e da *Gavallita*.

Fôlbemos o Sr. Crespo e procuramos uma pequena amostra:

Era a voz de Jesus, benigna e tão suave
Como um perdão de mil ou como um trino d'ave,

diz elle na *Transfiguração* — a ultima poesia do seu livro. Como estes versos são doces e nos perfumam a alma!

Via-se já em menos palavras descrever o que fôr Jesus, o que fôr aquella alma sancta da qual só vertia a charidade, o perdão e o amor?
Tomemos outra no access:

Para algum seu o lyrico entre os abrochos,
E' bôto as firmes idéas do Christo,
Para algum seu a vida e a luz dos olhos,
E se na terra existe é porque existe.

MONICA DESTES TEMPOS

CONTINUA

Droga
cullo a sangue e a espira
do pulcra

PRIMEIRA MANDATE O SPRADO PUBLICO E BARRAS
do que e a SERRA nas fu do lances Chap
e Plica quando elle se matava muito ande

PIN...

PAN....

PUN

continha a fern? porque he não fu pella

A ESCOLA RESPOSTA
bommo e Breviss

ZAS.....

PAS

TRAZ.... E RUA?

Que. Então de... Inimico muito ande no fu vivo e mau demiti? = De Vai mal
Em uma lacustitiz agudo e complacido tem injustamente de costura, costume

Para o seu fiquo e amoro
que embra de lactancia a
nossa casta conzinha e

raminhava sempre por cima
de vós, meu fillo

Jornas todos os melhores sustituidos e
anestrosos

Amamos todos as libe-
dades, illudado e 21
Ponho (e nado)

com algumas fingidas
de uma fijo, mas que
se accellido, boas

o gladio... o Apollito... e Pors...

Um tempo mandado se mudo
de voss ande mudo fiquo de
nossa pulca, bonnas a rivo que,
indicando-se desde ja a senas
e solutiva fiquis, alguns
bombrs d'agua de S. Antonio

Um expostivo espulcrao pedico
ra os de factos e Chap da nassa
vilha e santa cruzada e entas dr. Opprimo

A OFICINA PUBLICA
Cuitados, buli demiti

era assim,
fale uje e bon,
que a que a prendara

a voss e vossas n
todas as fu
bonades

Não vem que são como os soldados junto ao tumulo de Christe, fa-
zendo sentinella a Ideia... Como elle, elle sempre radiante, embora a raliem
d'infamias e oppressões

Boa noite

* fijo deito das autoridades administrativas

E depois de nos dizer que *esse alguém* não é o seu amigo idôlatro não os nenhum dos seus amigos, concluo assim :

Quando alla noite me recinho e deito
Esse alguém abre as asas no meu leito
E o meu sommo dosilas perfumado
Chevem beijos de Deus sobre a que chora
Por mim almas dos mares ! esse alguém
E de meus dias a esplendore aurora,
E'ta do verde velhinha, ó minha mãe !

Quem ha ahí que ao acabar de lêr isto não sintia estremecer e vibrar no coração a corda do amor filial ?
Quem ha que se não sinta elevado nas asas de um sentimento perisiano ante os pés do Creador ?
Que coração de bronze deixaria estremecer ante a magestade de uma evocação tão esplendida e tão sacra ! ..
Volvamos algumas folhas mais .
O quadro agora é outro :

Ó Sara, minha Leubia, em cujas bonas aprio
A volúpia que mata, o gozo que adormecenta
Eis como a estalaga grege e o amanho da escultura
Esgrava-te em altas e ardente paganismos,
Desce de ti luz que brilha em meu abysmo
Esplendide ideal da cetera formosura

Maravilha da caran, ás vezes se'n um beijo,
D'esses bellos fêrjes e lumbos transvassas
Em meo anceloso peito o fgo em que te abraças,
E te fugista em lava asperriro desajo.

Eis a minha voluptuosa e lúbrica n'esses formosos alexandrias ; a minha filha da carne que os poetas greegos immortalizaram no pergaminho, na pedra e no bronze ; a musa que veste tunica de lava e traz o faldão da volúpia no alto, a musa que afogou a inspiração de Byron, de Musset, de Espronceda e Verlaine.

Mas quem não chorará com o poeta depois de ter dito á sua Sara.

Quando me vês
Repellis os teus beijos
Talvez julgues malher, ir declinando
O alegre sol dos meus dias formosos
Como te agarras fôr ! choro pensando
Que fiste iral dos tyves seftinosos
E que o teu olhar brilha brilhando
Des dos olhos nos raios luminosos

E não cançariamos de citações se o logar nos offerecesse mais espaço.

Mas basta.
O que ahí fica e que todos conhecem é o bastante para dar a Crepao um dos primeiros lugares na galeria dos nossos poetas e com toda a justiça na dos contemporaneos.

O que mais resta a dizer ? ..
As *Misérias* de um d'esses poetas aral typos, formoso em toda a epistola de métrica, inspiração e melodia.
Voluptuosa e lúbrica na altura de uma arabe ou de uma andaluz, á tambem casta e sereno como uma madona.
D'este misto saace o que elle é — *um sublime e irrealisad peccado.*

M. PASTOR

O commendador d'Amico

Se não estou quasi magnetisado, pouco me falta, e o que se dá comigo, accoetudo a quasi todos que lá estiveram. É a primeira vez que se reconheça da verdade do assim-vir e creio como Sr. Thomé — porque se não o tivesse visto não o teria acreditado.

Tinha por ahí ouvido fallar n'essas cousas de magnetismo, com que a pessoa ficava como morta, e ainda assim n'esse estado, só se movia á vontade de outra que lhe mettia aquellas trapalhadas no corpo. Ouvio isto e ris-me, assim como aqui — disse "vão péga" — disse agora o Sr. D'Amico veio provar que longe de haver razão para a gente rir-se, só ha motivo, quando muito, para ficar horrorizado, o que me parece um pouco peior.

Se en lhe contasse tudo que vi, teria de ser aqui até depois de amanhã, o que não me é possível por diversas razões. Mas sempre lhe direi, que quanto a mim, o homem não é e dá este mundo, acho-lhe não sei o que de sobrenatural.

Imaginem que o Sr. D'Amico, que vem de casa, depois de ter-se apresentado de mim, me a primeira parte do espectáculo, collou-se em frente do seu filho e fazendo arte com as mãos, adormeceu a criança, quimica a, atraz-

vesse-lhe um grande allanto n'um dos braços, obrigando a pular, a estremezer, a gesticular como qualquer galan n'uma scena arrebatada, e outras coisas mais.

Tudo isto no maior silencio durante bastante tempo. Esta parte do espectáculo, fez-nos lembrar as torzadas em Hespanha. Chegámo-nos a convencer de que o Sr. D'Amico, que é commendador, só quizesse acabar com as suas experiencias, quando acabasse a vida da criança como as torzadas em Hespanha, que só terminam quando morre o ultimo cavallo.

As outras partes da festa, compozam-se do conto e prestigitilipio.

O conto foi despenhacado pela Sra. Josephina D'Amico, e a prestigitilipio, pelo Sr. commendador D'Amico, quando apparecia de saio e meitillo.

As outras, todas essas conhecidas antigas, foram executadas com certa hespana, incluindo algumas em que se quebraram ovos e se entomaram diversas liquides. E só não nos embalsamamos com as sortes do Sr. commendador D'Amico, é porque de ha muito estamos habituados a ver commendas que se executam cá fora com a mesma nitidez.

J. RIBAUDO

SALPICOS

Cada qual d'essa evorome lhe tocam.
Os Sr. palcos devem estar muito satisfeitos, porque na realidade as cousas não podiam andar-lhes mais favoravelmente.

No doce empenho de cretinizar-nos, atacam cada metralhada que vai tudo raso. Elles têm todos os elementos de successo. Têm a patasca elegancia do Sr. Dr. Ricia, têm uns fumagos que andam por lá a distribuir prospectos do reino do Cúa ás sanchas que encontram só em casa, têm accumbas quando não andamos lá a seu peito, têm amidiadas para quando não andam ao nosso, têm todo, e ainda não lhes chega. Estamos ameaçados de fer ferzadas armadas nos largos e rocos, com liberas colgadas pelo gannete que ha de ser um deliciair se a gente !

En já me estou lambendo toda, a pensar que talvez ainda veja de carochá e sambento o Sr. Donquix Naloco, que em tempo fez conferecias na magnanoria, o Sr. Jolo Alfredo que assignou certo decreto nosso confediado, e um tal Sr. Silveira Martins, que é de glorioso, só não meoutas as chronicas.

Diga-se tudo, o Sr. Naloco é talvez dos tres o que menos commoção excitasse, tudo por causa dos seus *Donquix*.

Por muito que um cidadão deseje a liberdade de, em certo dia da semana, poder fazer tudo quanto faz seu outro — *abrevore-se* — dá vontade de passar á theoria da Santa Madre Igreja e acomelhar ao Sr. Naloco que guarde os seus *Donquix*.

Que tambem, se o não fiser, está muito arriscado a que lhe vlo os zolopagos no empenho, perguntando-lhe com uma intenação excessivamente conhecida e pienseira :

— Domingos de quê ?

Mas como lá dizendo, hoje em dia, com uma governancia toda de soldadão, é tão bom ser padre, que só ha uma cousa que se lhe compare : é ser construtor de coupados para o Brazil.

Des-nos um dia para *deltar* a potencia maritima e mandamos fabricar uma porção de navios forrados de chapas de ferro tão expressas, que mais facil sera a omga de secca-commun varar o cranho do Sr. Rozendo, do que penetrar-lhes uma balla de esticadais lírica. Mas o diabo, que é *travoso*, taca arte de nos agitado, que as nossas boas costas deviam ficar ao abrigo de toda e qualquer galatia dos nossos bons vizinhos e allidados.

De todas essas risculhas pomeozas, o que chegou a ser factó é o que respeito da *Independencia*, só se o construtor assegurou a sua — á custa da nossa.

Não ficou ahí o nosso espiatismo. O *Jacary*, outra poderosa machina de guerra, está averiguado que não serve

para o mar. Não governa com um lume só, e é capaz de não governar com dois.

De firms que estamos gastando rios de dinheiro com embaraços que, uma depende da applicação de apparelho orthopedicos, e a outra de serem os seus servicos utilizados unicamente — no lago que o Sr. Gliazin está fazendo exercitar no campo de Sant'Anna.

Se en fosse ministro da marinha, fazia uma cousa, mas uma cousa de tal magnitude que só ella bastaria para me dar eterna fama : mandava vir aquelles dois navios pelo paquete e transformava os em *barras de bondas*.

E esta medida ainda aliada é do maior alevaço desde que as nossas remezas de ouro para o Paraguay, naufragadas na costa da Republica Oriental, foram abiscitadas por varios chefes politicos d'aquelle ditoso pais, de accordo com as autoridades locais.

Uma das *commas* que, segundo me asseveram alguns republicanos, distinguem as republicas, é o respeito de nivel das virtudes publicas e particulares. Bem se vê. A segurança da propriedade ali é tal que parece que por lá andam os urubans a fazer policia.

Não sendo possuidor de gallinhas e nem de joias, é provavel que nunca haja lá minha parte motivo possesões contra a nossa policia. São, pois, gratuitas as minhas indoposições contra uma corporação distincta por mais de um motivo, e que tem por orgão e defensor uma das nossas folhas mais celebres — a *Neplo*.

Gratitudo vir interessada, isso não faz no caso. A verdade é que ha dias em que se não recebem novos roubos, accretando agora a capotagem, que vai tomando proporções muito serias. Se estivessemos em tempo de eleições, comprehendese-Não estando, faz-nos pensar vagamente em pedir a S. M. um lugar na sua commisa de viagem, porque ali no menos teriamos para nos defender — algum onnase atear-nos — o bravo e illustre general Cabral.

Pensando nos meios de acabar com apprehensões estradas pelo publico decera da sua segurança, de si mesmo occorrem dois meios efficacissimos de facilitar a represão dos roubos : licenciar a policia ou allidar n'ella os espiatores e os gannetes que ainda lá não têm taller e fizes, isto mesmo quando agra precizo destar os circuitos á bola, e temar mais avultados os *parros* recursos da policia — como dir, creio eu, a *Neplo* já referida.

Que muito seria, por exemplo, que em vez dos quatro mil centos que se gastam com a policia, se gastasse dez mil, vinte mil, cincoenta mil ! As *observações*, quando as houvesse, seriam mais completas, e os louros, em mais largos mesner, chegariam, não só para um major Campos, mas para dois em tres, e ainda soboraria um restolho para os *Capitães*. De se seu brilhante estado-maior.

Talvez, porém, tivesse esta fartura o seu lado inconveniente. Poliam os louros ser tantos que para os aproveitar, pensando alguns á porta da Secretaria da Policia, ficasse esta respectivel repartição com seus visos de — armazem de vinhos.

O que seria tanto menos venlencioso, que a policia, se com alguma bellida tem relações intimas, é — com a aguardente. Com a aguardente, note-se, não aquella agradável agurdente de saldo ou a suave *laranjinha* de *Glido* — não, com a pura, a legitima, a genuina eschapa.

N'estas palavras não vai, nem pede ir, censura. Cachapas, cada qual para a sua. A minha, por exemplo, é a *Neplo*. Ando para tras e para diante, e não comago despie este saço que me alunas, e esta admiração que me ranga a bocca até ás orelhas.

Órga para não, bem certo é o outro que diz : quem se abiga a amar, sujeita-se a padecer. A *Neplo* do outro dia, referindo ao nome *ultimo salpicos*, diz que umas vezes lhe citei o nome, n'outras, meus generoso, não lh'o declinai. O' *Neplo*, lh'ra da minha gente. da minha gente, não ; da minha d'alma ! para te mostrar os extremos d'este amor lio fino, n'esses oito dias d'itell-não a estudar latin, e von delixar o teu nome.

Nonsultivo — *Neplo*, a minha
Gentivo — *Neplo*, da neplo
Deltivo — *Neplo*, é neplo

Accusativo — *Neplo*... baham, já me não lembro.

O' *Neplo* este é o vocativo, d'este me lembro eu, ó *Neplo*, pedoa-me d'esta vez. Sabado en te declinarei todo, no singular e no plural.

Bon.